

PESQUISA NO CONTEXTO ATUAL: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Suzana Magalhães Maia

O trabalho (de pesquisa) deve ser assumido no desejo. Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido apenas pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de garantir uma promoção na carreira. Para que o desejo se insinue no meu trabalho, é preciso que esse trabalho me seja pedido não por uma coletividade que pretende garantir para si o meu labor (a minha pena) e contabilizar a rentabilidade de investimento que faz em mim, mas por uma assembléia viva de leitores em que se faz ouvir o desejo do outro (e não o controle da lei). Ora, em nossa sociedade, em nossas instituições, o que se pede ao estudante, ao jovem pesquisador, ao trabalhador intelectual, nunca é o seu desejo: não se pede que ele escreva, pede-se que ele fale (ao longo de inúmeras exposições) ou que 'relate' (em vista de controles regulares) "... que se tenha necessidade dele, não de sua competência ou de sua função futuras, mas de sua paixão presente." (Barthes, 1972).

Resolvi começar minha exposição nesta mesa, *Pesquisa no Contexto Atual: Problemas e Perspectivas na Produção do Conhecimento*, pela citação de Barthes. Não foi por acaso. Ela acaba por refletir um movimento que percebo nestes muitos anos de pesquisa na universidade, e aponta diretamente para a questão central: qual é o sentido ou quais são os sentidos que permeiam uma pesquisa? Esta discussão esteve durante muito tempo emudecida em nós, pois a falta de pesquisa sistematizada na área dos distúrbios da comunicação levou, inicialmente, a um namoro com o universo científico, *strictu sensu*, em que o *método*, a lei segundo Barthes, aparecia como mais importante do que o objeto a ser pesquisado. Exemplifico: idéias dissociadas da forma científica de desenvolvê-las, a necessidade de dominar instrumentos, a elaboração destes e o encaixe no universo a ser pesquisado. Não combinava a reflexão sobre o sentido de se pesquisar. Ficava claro apenas que as pesquisas tinham necessidade de existir e o papel da pós-graduação era fornecer subsídios para que isso se tornasse possível.

E em uma área fundamentalmente interdisciplinar como a nossa o próprio objeto de estudo permanecia nebuloso: ora a linguagem, ora a doença, ora a audição. Tudo isto ocorrendo entre estudantes e professores da fonoaudiologia, oriunda de um centro de educação, em um programa de pós-graduação também alocado na educação, contribuía para esta confusão aparente. Mas permanecemos com os pés fincados na interdisciplinaridade, observando então que as pesquisas produzidas ora explicitavam este caráter como uma soma, uma junção de ciências que apenas maquiavam a mesmice, ora avançando na compreensão de que a interdisciplinaridade como quer Barthes (1972) "... não está em confrontar

disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um assunto (um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém”.

Perspectiva de produção de conhecimento um tanto complicada nesta sociedade cuja comunidade científica necessita ter um código para classificar o conhecimento, as pesquisas e os pesquisadores. Mas permanecemos insistindo. Assim, o CNPq, a CAPES e a FAPESP, instituições tradicionais de apoio e financiamento de pesquisa, têm tido bastante dificuldade no julgamento de nossas produções: ora estamos nas ciências da saúde, ora estamos na educação, às vezes na lingüística. Como o projeto não é avaliado antes de ir para uma dessas áreas, por vezes deparamo-nos com verdadeiras aberrações na sua interpretação. Pagamos o preço, mas não desanimamos, pois a singularidade na produção de nosso conhecimento reside exatamente neste jogo de reafirmação da interdisciplinaridade da área.

Temos observado que ainda muitas vezes a necessidade da pesquisa se faz por demandas exteriores a ela: titulação, bolsa de estudos... dificilmente por paixão, por curiosidade, por desejo de descobrir, de fazer novas leituras do que já foi produzido. A junção destes vários aspectos, sem significar um pragmatismo absoluto, que tem sido historicamente estéril, é a nossa grande preocupação no delineamento das pesquisas na área. É através disto que se poderia pensar em sentido ou sentidos para as pesquisas desenvolvidas na área. O futuro titulado seria capaz de manter seu interesse aguçado para continuar a pesquisar, para criar condições para que seus alunos busquem seus próprios caminhos, suas questões: é necessário conservar a paixão, e ‘cumprir tarefa’ só tem conseguido acabar com ela.

Penso que estabelecendo a prática de pensar o que se faz e fazer o que se pensa, ajudaria muito a criar uma intimidade efetiva com a pesquisa, seus métodos e caminhos. Instaurar cotidianamente a prática de se desvendar o que se apresenta e se oculta nas aparências tem se revelado um caminho promissor. Tenho tido oportunidade, na universidade, de viver intensamente esta perspectiva. Há dados concretos de pesquisas coletivas desenvolvidas por professores de pós-graduação, pós-graduandos, alunos de graduação, que se envolvem por vezes em projetos de intervenção (nome ardiloso), mas que não têm a perspectiva de cumprir tarefa, de justificar o dinheiro gasto e/ou ganho. Vamos devagarinho levantando questões, desprovidos do sentido intelectualóide de estar sempre ensinando aos outros, quais seriam as melhores alternativas para a vida que é deles. No projeto mais recente que estou desenvolvendo e que dimensiona a fonoaudiologia como prática social na Saúde Pública, isto vem acontecendo. O objetivo do projeto não é somente identificar as misérias do atendimento de saúde da população, aquela lamúria sem fim, a falta de preparo dos profissionais etc. Quer-se sim, pensar o homem no contexto social em que vive, sadio ou doente, descobrir a história social de suas doenças, desvendar os processos,

educativos que garantem que ele permaneça assim, apático, conformado, marginal. Tudo isto com um perspectiva política muito clara: conhecer e atuar, e não conhecer e produzir um mero relatório de pesquisa. Nesta dimensão geral, vão surgindo várias questões que poderão desencadear projetos de pesquisas individuais, possibilitando que o próprio pesquisador encontre sua questão e parta agora para desvendá-la ao lado de seu orientador, e não submetido a ele.

É preciso paixão pelo conhecimento, é preciso coragem para escapar de seus ardis, é preciso respeito pelo outro para que ele busque seu caminho, é preciso o saber, a sabedoria e muito sabor (já o disse Barthes) para permitir que a vida entre em nossas pesquisas e desta forma, finalmente, estas ganhem sentido.